

“Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje”

Ditado Yoruba

Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar a obra *Becos da Memória*, da autora Conceição Evaristo (2017), a partir dos aspectos relacionados à cidade, exclusão, personagens periféricos, memória e *Escrevivência*.

Por meio dessa obra, realiza-se um percurso por espaços invisibilizados da sociedade e, a partir de um olhar memorialístico, é possível compreender como a autora consegue captar detalhes particulares, emoções, experiências e histórias do local e das personagens que compõem o romance. A escolha dessa coletânea justifica-se pela sua importância ao dar vida às narrativas silenciadas e não inscritas na História, ou seja, por meio dessa obra é possível ‘escutar’ os excluídos, marginalizados e estigmatizados da sociedade, assim como resgatar suas vozes.

O artigo contará com as seguintes perguntas problematizadoras: Qual é o espaço da narrativa? Que becos são esses? Quem são as personagens que ocupam esses lugares? Quais experiências são partilhadas nesse lugar? Qual o direito à cidade essas pessoas exercem? Visitam os centros urbanos apenas como força de trabalho? Quais são as memórias que compõem a cidade e como são partilhadas essas experiências?

Por meio dessa análise, busca-se compreender a ruptura dos estereótipos e silenciamentos presentes na obra, bem como a invisibilização das populações dos becos da cidade vivendo à margem, mesmo possuindo histórias e vivências que, na presente obra, são relatadas e ganham o protagonismo necessário para compor essas memórias coletivas do espaço.

A base teórica do texto será a obra *O direito à cidade* do autor Henri Lefebvre (2011), que indicará quais são as dinâmicas da cidade, dos bens de consumo, culturais e para quem eles são direcionados, assim como poderão suscitar reflexões sobre quais as necessidades dos seres humanos em relação à cidade.

¹ Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo, sob a orientação do professor Dr. Luca Fazzini. E-mail: brunna.amicio@gmail.com

Além dessa referência, também será focalizado o conceito de Literatura afro-brasileira a partir das produções de Eduardo Assis Duarte (2011), para introduzir o tipo de texto que será trabalhado durante o artigo e sua importância por compor a literatura nacional produzida por mulheres negras.

Os aspectos relacionados à interseccionalidade serão abordados a partir da perspectiva de Carla Akotirene (2018), com a conceituação das múltiplas opressões que atravessam a população marginalizada. Assim como o conceito de Racismo Estrutural, apresentado na obra de Silvio de Almeida (2019), o qual ajuda a compreender a origem das desigualdades representadas no livro analisado e o racismo, este que faz parte das vivências da população pertencentes a esses espaços.

Ademais, será desenvolvida uma reflexão sobre o conceito de *Escrevivência*, criado pela própria autora da obra, para elucidar o quanto as memórias, vivências e experiências podem ajudar a compor sua escrita, como afirma a autora “Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção.” (EVARISTO, 2017, p.13).

Os becos falam: vozes marginalizadas em perspectiva

Sabe-se que a História é apresentada pela perspectiva dos ditos vencedores e, deste modo, não se tem acesso ao relato e à vivência daqueles que não apenas foram vencidos, colonizados, subjugados, mas principalmente resistiram. De acordo com D’Angelo (2006), é preciso “escovar a história a contrapelo, isto é, de reescrever a história na perspectiva dos vencidos.” (D’ANGELO, 2006, p. 237) Ou seja, deve-se ouvir essa contra-voz, resgatar memórias e vivências das margens do Brasil, de becos ainda marginalizados, nos quais histórias se multiplicam. Desse modo, a literatura pode provocar um sentimento de pertencimento e identidade na recepção dos leitores a partir de suas subjetividades.

Na obra analisada, é possível identificar a estratégia da autora em apresentar ao leitor a ‘outra história’ que muitas vezes não aparece nas salas de aula escolares, como se exemplifica no trecho em que a personagem Maria-Nova é interpelada pela professora de História quando o tema era “Libertação dos Escravos” e a mesma ficou em silêncio sem questionar, mas no momento em que a professora pede sua opinião, a estudante afirma

(...) sobre escravos e libertação, ela teria para contar muitas vidas. Que tomaria a aula toda e não sabia se era bem isso que a professora queria. Tinha para contar sobre uma senzala de que, hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinha nenhuma condição de vida. (EVARISTO, 2017, p. 150).

Percebe-se a reflexão profunda da menina sobre as consequências da escravidão, que perdurou por séculos. Além disso, verifica-se uma postura eminentemente crítica quanto à própria abolição que não acabou de fato com a escravidão, nem mesmo possibilitou acesso e ascensão aos negros que foram escravizados.

Em outro trecho, a menina Maria-Nova fala da dor de ver a história dos ditos ‘vencidos’ se repetir tantas vezes:

Entretanto o que doía mesmo em Maria-Nova era ver que tudo se repetia, um pouco diferente, mas, no fundo, a miséria era a mesma. O seu povo, os oprimidos, os miseráveis; em todas as histórias, quase nunca eram os vencedores, e sim, quase sempre, os vencidos. A ferida dos do lado de cá sempre ardia, doía e sangrava muito. (Idem, 2017, p. 63)

Esse movimento realizado pela personagem é importante para pensar o passado e compreender o presente, num movimento como Adinkra Sankofa reproduz: “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”. Como reflete a pesquisadora Sarteschi:

A (...) corporificação das contradições históricas colocadas: em movimento pendular olha para o passado, mas esse passado não imobiliza; ao contrário, acessado dialeticamente, apresenta-se como via para que o futuro seja reescrito agora em novas perspectivas. A voz e a letra dos oprimidos recriam a vida e a história que forma e as que se projetam diante de si. (SARTESCHI, 2017, p. 217).

Assim, para ressignificar o presente é preciso refletir sobre as memórias, vivências e fazer ressoar as histórias dos ancestrais, a fim de que não se percam e resgatem essas poderosas narrativas. Maria-Nova, protagonista do romance, tem o desejo de escrever sua própria história e da comunidade que a cerca com o intuito de compreender o apagamento histórico de suas ancestrais e produzir uma reescrita desse passado. Dessa maneira, é possível se debruçar sobre o conceito de *Escrevivência*, cunhado pela própria autora Conceição Evaristo, que assim o define:

Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscreve no movimento que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida. (EVARISTO, 2005, p. 54).

De acordo com Evaristo (2005, p. 54), as escritoras negras buscam a produção de uma “escrita própria, uma contra-voz a uma fala construída das instâncias culturais do poder”; essa outra voz imprime suas vivências, suas histórias e transformam sua escrita, portanto, ressignificam suas vozes, por tanto tempo silenciadas.

Ainda na perspectiva de Maria-Nova, durante sua aula de História, a mesma reflete sobre a importância desse processo de reescrever a própria história e a dos seus, sendo possível identificar que em sua voz individual ressoa, por consequência, a voz coletiva de sua comunidade.

Era uma História muito grande! Uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora. Era diferente de ler aquele texto. Assentou-se e, pela primeira vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente. (EVARISTO, 2017, p. 150-151)

Outro aspecto relevante é o da experiência do narrador na obra, como infere D'Angelo (2006, p. 248 apud Benjamin, 1989, p. 107) as marcas do narrador compõem a experiência narrativa, “nela ficam as marcas do narrador como os vestígios das mãos do oleiro no vaso de argila”. Além da relação com a experiência do narrador, pode-se refletir sobre como as condições de vida em sociedade faz com que as pessoas fiquem presas ao presente, sem compreender a importância da memória individual e coletiva, como é apontado no artigo:

absortos na vivência do presente, eles vão perdendo a memória, se isolando, adquirindo assim uma nova sensibilidade. Essa nova sensibilidade surge da necessidade de sobreviver ao impacto produzido pelos choques; um dos seus traços essenciais é não possibilitar mais as sinestesias e metáforas que aludem à harmonia do homem com a natureza. (D'ANGELO 2006, p. 248 apud BENJAMIM, 1989, p. 107)

Desse modo, destaca-se a importância de uma obra com base nas memórias coletivas de uma comunidade, para que se possa ter um novo olhar, sensibilizar os leitores, assim como apontar uma outra narrativa a partir dessas experiências não inscritas nos livros de História ou na literatura brasileira.

Narrativas afro-brasileiras

Becos da memória, de Conceição Evaristo, faz parte de um conjunto de escritas inseridas na Literatura afro-brasileira, sendo este apenas um dos conceitos direcionado às escrituras negras brasileiras ainda em constante debate e, a partir dos estudos de Eduardo Assis Duarte (2010), pode-se compreender quais as principais características da narrativa que incidem na Literatura afro-brasileira como explicitado abaixo:

alguns identificadores podem ser destacados: uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva,

explícito ou não, com vistas ao universo recepcional; mas, sobretudo, um ponto de vista ou lugar de enunciação política e culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo (DUARTE, 2010, p. 122).

O romance apresenta diversos elementos que compõem essa escritura afro-brasileira, como a voz autoral negra, o lugar de enunciação que se articula política e consciente de sua identidade e a temática abordando a vivência da população negra em comunidade. Além disso, a obra faz parte de um projeto com objetivo recepcional de se estabelecer, por meio de uma linguagem própria, um contato direto com o leitor e suas memórias, experiências e afetos.

Ainda de acordo com Duarte (2010), a obra afro-brasileira necessita articular com os diversos aspectos citados, como ocorre na narrativa aqui investigada; desse modo, é possível compreender melhor em que contexto literário está inserida a obra, os variados diálogos e reflexões proporcionados por ela nas perspectivas sociais, políticas e estéticas.

Nesse panorama literário, é relevante destacar que os conceitos para as escrituras de vozes/temáticas negras ainda estão em debate nos meios acadêmicos e literários, já que a questão de identidade e pertencimento étnico-racial ainda é objeto de reflexões e discussões constantes no país. Logo, pode-se pensar essas narrativas a partir de diversas perspectivas como afrodescendente, literatura negro-brasileira, entre outras.

Becos: espaços de exclusão, resistência e memória

A obra *Becos da Memória* possibilita que essas vozes contem e recontem suas histórias, fazendo um rico panorama da comunidade e do lugar em que vivem, que é um espaço de exclusão e desigualdade, mas também um de resistência, comunhão e irmandade.

No início da obra, há uma descrição, realizada pela narradora-personagem Maria-Nova, na qual ela apresenta a favela em que mora e a mesma não vê aspectos tão relevantes para os observadores, assim Maria-Nova descreve: “(...) Tudo era tão sem graça. Grandes mundos!...Uma bitaquinha que vendia pão, cigarro, cachaça e pedaço de rapadura. A bitaquinha era do filho dela. Ninguém gostava de comprar nada ali, o movimento era raro. (...)” (EVARISTO, 2017, p.15)

A menina ainda comenta sobre as torneiras que havia na favela, “a torneira de cima”, “a torneira de baixo” e “o torneirão”, dos quais os moradores utilizavam para suas necessidades diárias e também para o trabalho das lavadeiras. “A torneira, a água, as lavadeiras, os barracões de zinco, papelões, madeiras e lixo. Roupas das patroas que quaravam no sol. Molambos nossos lavados com o sabão restante.” (Idem, 2017, p.16)

Desse modo, a comunidade onde vive pouco a pouco toma forma durante a narrativa, assim como o lugar é parte viva do texto, os sentimentos da narradora e o que essas memórias provocam também são evidenciados: “hoje a recordação daquele mundo me traz lágrimas aos olhos. Como éramos pobres! Miseráveis talvez! Como a vida acontecia simples e como tudo era tão complicado!” (Ibidem, 2017, p. 17)

Outro aspecto significativo dessa história, nesse espaço precarizado e desigual, é que, apesar disso, tem-se presente a ideia de pertencimento dos moradores, pois foi onde eles construíram suas moradias, seus afetos e suas redes. O conflito principal da obra é a desapropriação das favelas que vai se desenvolvendo durante a narrativa e afetando drasticamente a vida daquela população, como aparece no seguinte trecho:

Tio Totó andava inconsolável: já velho, mudar de novo, num momento em que seu corpo pedia terra. Ele não sairia da favela. Ali seria sua última morada. Ele olhava o mundo com olhar de despedida. Olhava sua terceira mulher, seus netos órfãos, sua casinha caiada de branco, algumas galinhas e o chiqueiro vazio. (EVARISTO, 2017, p.18)

É possível observar, por meio dessa melancólica descrição, como era doloroso o deslocamento forçado para outro espaço. Esse processo de desfavelamento era algo com o qual cada pessoa lidava de uma forma, mas o que havia em comum entre todos os personagens era o sentimento de despedida, melancolia e tristeza de ter que abrir mão do pedaço de terra conquistado e cuja sua vida foi construída— ainda mais sem saber para onde poderiam ir, numa visão de futuro com ausência de expectativas, oportunidades e um mar infinito de impossibilidades.

O sentimento partilhado pelo personagem Tio Totó, assim como pela Maria-Nova, vem de gerações anteriores; essa angústia, que é matizada por melancolia e tristeza, pode ser retratada na obra com precisão, quando Tio Totó falava da herança dolorosa que o pai contava:

Na roça, à vezes, meu pai contava histórias e dizia sempre de uma dor estranha, que nos dia de muito sol, apertava o peito dele. Uma dor que era eterna como Deus e como o sofrimento. Totó entendia, era menino, mas de vez em quando, sentia aquela punhalada no peito. Uma dor aguda, fria, que sem querer fazia com que ele soltasse fundos suspiros. O pai de Totó chamava aquela dor de banzo. (Idem, 2017, p. 19-20)

Esse sentimento de melancolia e tristeza provocando as reminiscências do lugar que se perde, também pode ser compreendido pelo texto “Aprendendo a amar” (2010), de bell hooks, pois as reflexões da autora possibilita entender a origem ancestral dessas angústias descritas na obra

Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, "feridos até o coração", e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e consequentemente,

de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando. A vontade de amar tem representado um ato de resistência para os Afro-Americanos. Mas ao fazer essa escolha, muitos de nós descobrimos nossa incapacidade de dar e receber amor (HOOKS, 2010, p. 16)

A escravidão deixou raízes profundas nas populações negras, atravessando assim gerações, como os navios que atravessavam o Atlântico trazendo vidas, histórias, conhecimentos e culturas tão diversas e desenvolvidas. Essas raízes são tanto no aspecto emocional, como o sentimento de banzo, quanto nos aspectos sociais, culturais e históricos, pois a colonização não termina com a abolição, muito pelo contrário, ela é constantemente realimentada com outros moldes econômicos, tal qual o próprio Capitalismo que provoca imensas desigualdades e fundamenta o Racismo Estrutural, assim como as diversas opressões que a população negra e periférica sofre em becos da cidade. Essas exclusões são constatadas nos relatos da obra analisada, que são ficcionais, mas demasiadamente próximos da realidade.

Para compreender essa estrutura racista da sociedade, pode-se recorrer aos estudos de Silvio Almeida (2020), que infere:

O racismo - que se materializa como discriminação racial - é definido por seu caráter sistêmico. Não se trata, portanto, apenas de um ato discriminatório ou mesmo um conjunto de atos, mas de um *processo* em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas. O racismo articula-se com a segregação racial, ou seja, a divisão espacial de raças em localidades específicas - bairros, guetos, bantustões, periferias etc,- e/ou à definição de estabelecimentos comerciais e serviços públicos - como escolas e hospitais (...). (ALMEIDA, 2020, p. 34)

O direito à cidade, ao bem-estar, à cultura e ao poder de criação não acontece de forma igual para todas as pessoas, uma vez que existem muitas restrições para as populações periféricas da cidade, como os dados de desigualdade do país apontam; em relação à defasagem escolar, cultural e social de pessoas negras e de baixa renda. Semelhante afirmação pode ser constatada por meio de dados do Observatório de Educação abaixo:

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Educação 2019), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): 71,7% dos jovens fora da escola são negros, e apenas 27,3% destes são brancos. O mesmo estudo demonstra a desigualdade de acesso à educação nos índices de analfabetismo. Em 2019, 3,6% das pessoas brancas de 15 anos ou mais eram analfabetas, enquanto entre as pessoas negras esse percentual chega a 8,9%. (Observatório de Educação, 2019)

De acordo com Lefebvre, sobre o direito à cidade, o [o ser humano] “tem necessidade de ver, de ouvir, de tocar, de degustar e a necessidade de reunir essas percepções num ‘mundo’.”

(LEFEBVRE, 2011, p. 105). Ainda nessa perspectiva, o autor aborda que, além dessas necessidades, o ser humano ainda precisa criar, ou seja, precisa de uma atividade que possa ser criadora, informativa e lúdica.

E esses direitos são constantemente aviltados nos espaços marginalizados, pois nem o acesso básico à educação, muitas vezes, é garantido a essa população. Durante a narrativa de Conceição Evaristo, a questão da educação aparece como um obstáculo, como é possível verificar no trecho a seguir, relativo a uma fala de Tio Totó que, mesmo já em idade avançada, apresenta a ausência de educação formal e como ele considera importante saber escrever seu próprio nome:

Antônio João da Silva tinha uma letra bonita e sabia soletrar alguma coisa. Dava trabalho ler. Juntar letra por letra e no final a palavra. Depois juntar palavra por palavra e, no final, debaixo das palavras em ajuntamento, surgia algum pensamento, algum dizer bonito ou alguma bobagem. (EVARISTO, 2017, p. 19)

No fragmento acima, Tio Totó evidencia o valor que tem a escrita; quando ele vê no papel seu próprio nome, admira-se com a formação das palavras e sente como a falta de oportunidade educacional deixou lacunas em seu conhecimento. Em consequência disso, busca, paulatinamente, entender as palavras escritas no papel além do seu próprio nome.

Qual é a minha/nossa história? – vozes coletivas não devem se calar

As personagens se apresentam pouco a pouco ao decorrer do enredo para a personagem-narradora Maria-Nova, que faz uma recolha das histórias dos seus familiares e de todas as pessoas próximas, além de ser uma observadora perspicaz e sensível dos problemas e dificuldades enfrentados pelas pessoas que vivem na comunidade.

Diversos personagens são incorporados à obra e suas vozes aparecem sendo protagonistas de sua própria história, no qual a autora utiliza o recurso de trabalhar em 3º pessoa, quando é a narradora-personagem que observa, relata e descreve algum acontecimento, e muda para 1º pessoa, quando a voz de outra personagem é incorporada à obra.

Sobre os personagens serem considerados marginalizados, oprimidos pelo sistema, além de invisibilizados e silenciados, verifica-se nesse sentido, que a autora evidencia o motivo de ter escolhido essas pessoas para fazerem parte da sua obra, como pode-se perceber no fragmento a seguir:

Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver claramente, aos bêbados, à putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos da minha memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. (...) homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos da minha favela. (EVARISTO, 2017, p. 17)

A comunidade vai surgindo como num quadro de memórias, cada história contada para Maria-Nova revela uma nova peça compondo esse espaço de desigualdade e angústia, mas também de afeto, partilha e resistência. Personagens como Vó Rita, que antigamente era quem trazia ao mundo todas as crianças na favela, a parteira que nutria carinho por todos, como aquela vó de mil netos, cada nome ou alcunha é escolhido acertadamente, como Bondade um homem caridoso, cujo a todos prontamente ajudava e auxiliava em toda e qualquer dificuldade. A própria Maria-Nova tem em seu nome o futuro de quem ouve e deseja escrever as histórias ouvidas, partilhar as vozes silenciadas por tanto tempo em becos e esquinas de tantos lugares.

Maria-Nova aparece como uma metáfora do próprio significado do conceito de *Escrevivência*. de Conceição Evaristo, pois usa das experiências individuais e coletivas compartilhadas com ela para compor sua história, transformando-as em escrita. A partir disso, ela resgata essas vozes que ecoam, provocando identificação, fazendo com que as memórias antes submergidas possam vir à superfície, sensibilizando e trazendo uma comunhão entre obra e leitor.

Considerações finais

É fundamental pensar no questionamento que Maria-Nova faz em sua aula de História, citado anteriormente, provocando a reflexão: a abolição de fato ocorreu? As múltiplas violências sofridas pelos corpos negros continuam acontecendo, comprovando que não. A fome, a desigualdade, a ausência de direitos, a perda do seu espaço de moradia, não ter direito sequer à própria infância, isso é liberdade?

Por meio de *Becos da memória*, os quais tratam não apenas de ficções da memória de um ‘eu’, mas da ficção de um ‘nós’, de uma voz coletiva, a protagonista da narrativa consegue perceber a importância dessas tantas histórias que recolhe, produzindo assim uma rica tessitura de sua identidade, de sua própria existência e de sua família. Desta forma, a *Escrevivência*., essa voz-escrita marcada pela vida de pessoas negras, que podem ter suas vozes ressoando num movimento ancestral, pode trazer esse passado para ser refletido no presente e ressignificar o futuro.

Na mesma perspectiva, pode-se mencionar a observação da menina Maria-Nova sobre as várias gerações familiares que compõem sua vida

Olhou os três e pensou que, se soubesse pintar, faria um belo quadro. Reteve a cena, teve a sensação de que diante de si estava a eternidade. Pensou que Deus é eterno sim, mas o homem de certa forma também é. A menina parecia ser a continuação dos dois. O velho e a mulher se eternizavam por meio da menina. (EVARISTO, 2017, p. 91)

A escrita, assim como o amor, pode representar resistência, a voz-menina, assim como as vozes-mulheres e vozes-homens, que puderam compor esse quadro, ajudam a trazer cores, ainda não vistas na cidade, podendo destruir muros da exclusão e construir pontes nas quais centenas de mãos ajudam a construir, mas são constantemente impedidas de atravessá-las. Mas o desejo da menina Maria-Nova, de eternizar essas ficções da memória, se concretiza no momento em que ela decide usar sua própria voz para fazer ressoar centenas de outras vozes do passado e do presente, atravessando espaço e tempo, feito a pedra atirada por Exu.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, C. **O que é interseccionalidade?** 1.ed. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.
- ALMEIDA, S. **Racismo estrutural.** 1.ed. São Paulo: Pólen livros, 2019.
- CARNEIRO, S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.** 1.ed. São Paulo: Ed Selo Negro, 2011.
- COUTO, M. **E se o Obama fosse africano?** São Paulo, Companhia das Letras, 2010.
- D'ANGELO, Martha. **A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin.** Estudos Avançados, São Paulo, v. 20, n. 56, 2006.
- DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe.** 1.ed. São Paulo: Ed Boitempo, 2016.
- DUARTE, E. A Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: DUARTE, Eduardo de Assis e FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica** – História, teoria e polêmica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, vol. 4.
- EVARISTO, C. Da representação à autorrepresentação da mulher negra na literatura brasileira, **Revista Palmares: cultura afro-brasileira**, ano 1, n. 1, ago. 2005.
- EVARISTO, C. **Becos da Memória.** 1.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo:** políticas arrebatadoras. 1.ed. Rio de Janeiro: Ed Rosa dos tempos, 2018.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. 5.ed. São Paulo: Centauro, 2011.

MONTEIRO, L.N. A origem mítica das festas de Congada e a memórias da escravidão no tempo presente em Minas Gerais. **Revista OQ** V.3 n.3, 2016

SARTESCHI, R. Literatura e resistência na poesia negra brasileira contemporânea: percursos

CHAGAS, N. C. (Org.). **Nas fronteiras da linguagem**: Língua, literatura e cultura. 1.ed. Salvador: Edufba, 2017. p.215-231.

OBSERVATÓRIO DE EDUCAÇÃO. O que é desigualdade racial e como ela acontece na educação brasileira. Disponível em: <<https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/desigualdade-racial-naeducacao#:~:text=O%20que%20dizem%20os%20dados&text=O%20mesmo%20estudo%20demonstra%20a,chega%20a%208%2C9%25>>. Acesso em: 05 ago.2022.